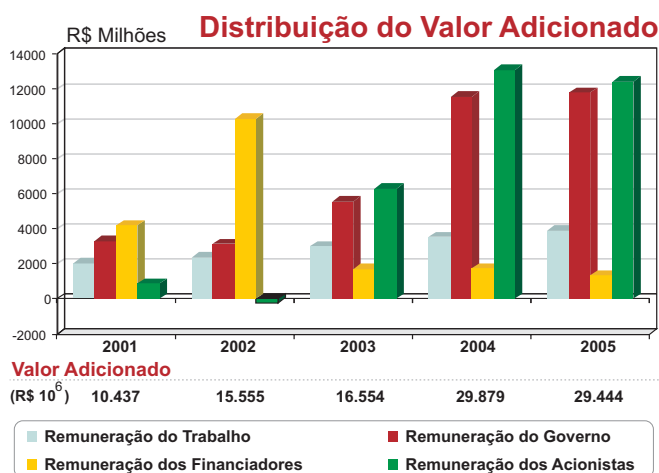


Siderurgia em foco

Valor Adicionado

O Valor Adicionado (VA) de uma empresa representa o quanto de valor ela agrega aos insumos que adquire num determinado período. Sua análise possibilita não só o conhecimento sobre o valor da riqueza criada pela empresa como sua distribuição entre os diversos agentes beneficiários do processo (acionistas, trabalhadores, governo e financiadores). De forma simplificada, pode-se dizer que o VA constitui o PIB (Produto Interno Bruto) produzido por uma empresa ou, em termos mais agregados, por um setor. As regras de procedimentos técnicos para o cálculo do Valor Adicionado estão estabelecidas pela Resolução 1010 de 21/01/2005 do Conselho Federal de Contabilidade.

Apresenta-se, no gráfico a seguir, a evolução e a Distribuição do Valor Adicionado (DVA) correspondente ao conjunto de empresas siderúrgicas brasileiras nos últimos cinco anos.



Em 2005, o VA gerado pela siderurgia brasileira, de R\$ 29,44 bilhões, correspondeu a 46,4% da receita bruta de R\$ 63,52 bilhões. O VA de 2005 foi 1,5% inferior ao de 2004 apesar da receita bruta ter aumentado em 7,7%. Esse resultado se deveu, principalmente, ao aumento de 15,8% nos custos dos insumos adquiridos de terceiros.

Em relação à DVA, tomando-se não apenas o resultado de 2005, mas também sua evolução ao longo de cinco anos, cabem os seguintes destaques e considerações sobre a remuneração dos agentes beneficiários:

- Governo: Apresentou crescimento sistemático de

2001 a 2005. Em termos absolutos, elevou-se de R\$ 3,3 bilhões para R\$ 11,8 bilhões (+257%). Aumentou também em termos relativos, passando de 31,7% para 40,1% do total. Esse resultado reflete, por um lado, a melhoria dos resultados do setor, gerando maior recolhimento de imposto de renda e, por outro, o aumento da carga tributária, principalmente PIS/COFINS (+ 184%).

- Trabalhadores: Atingiu R\$ 3,9 bilhões em 2005, dos quais R\$ 1,2 bilhão corresponderam a benefícios voluntários e R\$ 0,4 bilhão a encargos sociais compulsórios. No período 2001-2005, esta rubrica apresentou crescimento de 90% contra um aumento de 43,8% no efetivo total do pessoal empregado pelo setor.

- Financiadores: Atingiu, em 2002, o nível recorde de R\$ 10,3 bilhões (66% do VA). Esse resultado refletiu o impacto da elevação das taxas de juros e da expressiva desvalorização cambial (59%) naquele ano, associadas às incertezas nos cenários externo e interno (eleição de Presidente e Governadores). Esta rubrica apresentou queda expressiva nos três anos seguintes sendo que, em 2005, já havia se reduzido para R\$ 1,35 bilhão, correspondendo a 4,6% do VA. Destacam-se, na mudança os seguintes fatores: a) melhorias nos cenários político e econômico interno; b) melhoria expressiva no cenário global da siderurgia, com reflexos positivos na siderurgia nacional; c) melhoria dos resultados das empresas, possibilitando redução do endividamento e alongamento do perfil da dívida.

- Acionistas: Após resultados modestos em 2001 (R\$ 0,9 bilhão) e negativos em 2002 (- R\$ 0,23 bilhão) cresceu de forma expressiva nos dois anos seguintes, conseqüência da reversão no cenário do mercado e nos preços domésticos e internacionais do aço. Em 2005, atingiu R\$ 2,4 bilhões, resultado 5% inferior ao do ano anterior. A maior parcela do total correspondente a esta rubrica, no período de 2003/2005, refere-se aos lucros retidos (6% do VA em 2005). Estes resultados reforçam a atratividade das empresas para os investidores, bem como sua capacidade de suportar os elevados programas de investimentos em curso ou projetados e melhorando seu posicionamento no cenário mundial de consolidação da siderurgia.

De forma resumida, a evolução recente do VA da nossa siderurgia ressalta a importância crescente desta indústria no contexto nacional.

Investimentos X Consumo de Aço

Há dez anos, o consumo de aço no Brasil mantém-se praticamente estagnado. No ano passado, excluída a parcela destinada à produção de manufaturas para exportação, o consumo efetivo de aço no País foi equivalente ao de 1997 e o consumo “per capita” situou-se em 91,3 kg, muito abaixo do alcançado em diversos países latino-americanos e incomparavelmente menor aos 264 kg do chinês. Para um país que precisa crescer e promover reformas urgentes em sua infra-estrutura, a fim de melhorar sua competitividade e seus indicadores de desenvolvimento, este quadro mostra que estamos longe destes objetivos e em descompasso com o dinamismo da economia mundial.

Em qualquer parte do mundo, o consumo de aço é um indicador de desenvolvimento e seu crescimento está co-relacionado com o nível de investimentos na economia. No nosso caso, a inexpressiva aplicação de recursos públicos em setores fundamentais, nos últimos anos, explica a posição retardatária em que ficamos em relação a muitos países que se encontravam em estágio de desenvolvimento comparável, ou até menor do que o nosso, mas que souberam aproveitar o cenário mundial favorável e acelerar o seu crescimento.

A China é uma referência não como modelo irrefutável para o Brasil, mas por sua sistemática de elevados índices de poupança e conseqüente investimento.

A análise das razões que respondem pelos elevados índices de crescimento daquele país mostra a importância do papel que a poupança desempenha no seu esforço de investimento. Uma taxa de poupança da ordem de 40% - o dobro da brasileira dá suporte ao ritmo da expansão chinesa. Propicia recursos para investir e inicia um círculo virtuoso em que investimentos criam empregos, que geram renda, que por sua vez demandam novos investimentos, em processo constante de realimentação.

O fenômeno chinês ocorre tanto no plano macro como no setorial. Dinheiro farto financia sua indústria siderúrgica, a ponto de tornar a China, hoje, o maior produtor mundial

de aço, maior consumidor, grande importador de produtos siderúrgicos e de matérias-primas como o minério de ferro. E por decorrência vem se tornando grande fabricante/exportador de bens intensivos em aço, incluindo bens de capital e brevemente de automóveis. Não causa estranheza que diante disso a China, hoje, consuma um terço de todo aço anualmente produzido no mundo.

No Brasil, o quadro está longe de ser parecido. O setor siderúrgico se modernizou, logo depois da privatização, para atender à expectativa de crescimento do mercado. E alcançou um patamar de produção em torno de 36 milhões de t/ano, para um consumo que nunca ultrapassou 18,3 milhões de t/ano de produtos. Afora investimentos correntes, pouco se aplicou, por exemplo, na revitalização de segmentos importantes da deteriorada infra-estrutura nacional. Diante deste cenário frustrante, restou às usinas a alternativa de destinar cerca de 45% da produção para exportações. Apesar da reconhecida qualidade do nosso aço, estamos nos limitando a enviar ao exterior predominantemente produtos semi-elaborados, por causa das restrições de acesso a produtos de maior valor agregado nos mercados desenvolvidos. Restrições que afetam também muitas manufaturas com aço contido.

Acompanhando, porém, o que se passa no mundo, a siderurgia brasileira trabalha com visão de futuro. Espera e está preparada para uma virada no mercado. Com este objetivo, conduz programa de expansão para atender ao crescimento da demanda, que já apresenta sinais de recuperação, bem como para não perder posições conquistadas no mercado internacional. Os projetos são de grande envergadura e suas características básicas são longa maturação, maior risco e menor retorno. O setor está igualmente atento à necessidade de condições de financiamento e prazos compatíveis com os que desfrutam seus competidores. Em paralelo, busca reduzir a carga tributária que onera os custos de investimentos e o capital de giro e empenha-se em corrigir deficiências logísticas, sobretudo nos transportes e portos, para preservar a competitividade.





Agenda estratégica da siderurgia

Por sua expressão econômica e importância no contexto nacional, a siderurgia não deve omitir-se na proposição de temas que tenham potencial para afetar suas atividades ou a indústria nacional como um todo. Tendo em vista que se aproxima o processo eleitoral, o Conselho do IBS definiu a seguinte agenda estratégica a ser apresentada aos candidatos à presidência da República e Congresso Nacional:

1. Reforma Tributária (desoneração dos investimentos e da produção)
2. Reforma Sindical e Trabalhista (liberdade de associação e maior flexibilidade nas relações de trabalho)
3. Reforma Previdenciária (alteração das regras vigentes para redução do déficit)

4. Energia e Insumos (garantia do abastecimento de energia elétrica e de gás a preços competitivos)
5. Meio Ambiente (políticas compatíveis com o atual estágio de desenvolvimento do país e sistema de licenciamento ambiental simplificado e menos oneroso)
6. Logística (eliminação dos gargalos e ambiente concorrencial)
7. Comércio Exterior (obtenção de acordos e regras de comércio equilibrados e aprimoramento dos mecanismos de defesa comercial)
8. Mercado (regras econômicas e tributárias estáveis e pró-competitividade e combate à concorrência predatória).

Foco na qualidade dos produtos

Durante o segundo semestre de 2006, o Centro Brasileiro da Construção em Aço (CBCA), apoiado pelo IBS, e o SENAI/Tatuapé-SP vão treinar os fabricantes de estruturas metálicas para implantar o Sistema de Gestão da Qualidade. A matriz da qualidade foi definida este ano no âmbito do Programa Setorial da Qualidade dos Fabricantes de Estruturas de Aço (PSQ).

Empregados da Arcelor Brasil investem na compra de ações da empresa

Os empregados da Arcelor Brasil, juntamente com os da Acesita e de outras empresas ligadas à Arcelor Internacional com unidades no país, lideraram o movimento mundial para adesão ao programa internacional de venda de ações, lançado pelo Grupo Arcelor no mês de maio. A adesão ao Aesope (sigla em inglês de Plano Empregado Acionista da Arcelor) foi expressiva. As ações foram compradas por 97,3% do total de empregados que trabalham no Brasil, cerca de 17 mil pessoas (17% do total em todo o grupo que aderiu ao programa), o que correspondeu a 16,688 milhões de euros, 22,5% do resultado global. Em todo o mundo, em torno de 40,6 mil empregados do grupo fizeram subscrições e as ações compradas elevaram para 1,4% de participação dos empregados no capital da Arcelor.

Em prol da gestão eficiente da água

A CST-Arcelor Brasil inicia neste segundo semestre a operação da nova Estação de Tratamento e Distribuição de Água Recuperada (REUSO), que permitirá à empresa praticamente atingir a auto-suficiência em gestão hídrica. Com a expansão de sua produção, a companhia necessitará de 900 m³ por hora de água. A maior parte dessa demanda, 620 m³ por hora, será atendida pela nova estação que poderá tratar uma vazão de até 720m³ de água por hora. O restante será obtido a partir da água adquirida pela concessionária local. A CST-Arcelor Brasil tem índice de reciclagem de água superior a 97%.

Votorantim investe em nova usina

O grupo Votorantim vai construir uma nova usina siderúrgica no Estado do Rio de Janeiro, com capacidade para produzir um milhão de toneladas de aços longos por ano. O investimento na unidade vai consumir R\$ 1 bilhão. A siderúrgica deverá ser instalada na região Sul Fluminense, com incentivos fiscais do Governo do Estado. Ainda não há data de inauguração. A Votorantim Metais, braço do grupo que administrará a nova siderúrgica, já tem uma unidade no Rio de Janeiro, em Barra Mansa, cuja produção em 2005 foi de 579 mil toneladas.

Usiminas comemora 10 anos de ISO 14001

A Usiminas comemora, em 2006, os dez anos de obtenção do ISO 14001, e seu reconhecimento ao seu Sistema de Gestão Ambiental. A siderúrgica foi a primeira do Brasil e a segunda do mundo a receber a certificação. Investindo constantemente em ações ambientais, a Usiminas deverá aplicar ainda neste ano R\$ 142 milhões em programas educativos, reflorestamento, aquisição de equipamentos para reduzir a geração de resíduos sólidos, melhorar a qualidade dos efluentes hídricos, das emissões atmosféricas e a promover o uso racional de água, energia e insumos.

IISI Annual Conference

Data: 01 a 04 de outubro
Local: Buenos Aires, Argentina
Informações:
conference@iisi.be
ou www.worldsteel.org

Ilafa - Congreso Latinoamericano de Siderurgia ILAFA-47

Data: 29 a 31 de outubro
Local: Santiago, Chile
Informações:
www.ilafa.org/eventos.htm

16ª Conferência de Laminação e a 5ª sobre Usos do Aço

Data: 7 a 9 de novembro
Local: San Nicolas, Argentina
Informações:
www.siderurgia.org.ar/conferencia/Chamada_para_trabalhos.htm

CONSTRUMETAL 2006 Congresso Latino-Americano da Construção Metálica

Data: 12, 13 e 14 de setembro
Local: São Paulo, Brasil
Informações:
www.construmetal.com.br
ou (0xx11) 3816-6597

Estatística

A produção de aço bruto no 1º semestre de 2006 caiu 9,1% na comparação com o mesmo período em 2005, como efeito de parada de alto-forno de grande porte da CSN. Desconsiderado este efeito, o setor manteve o mesmo ritmo de produção do ano passado.

Esta queda acarretou a redução da produção de laminados planos, sem impacto significativo no mercado interno devido à parcial compensação com a comercialização de produtos acabados em estoque.

Em relação às vendas internas de laminados longos, o

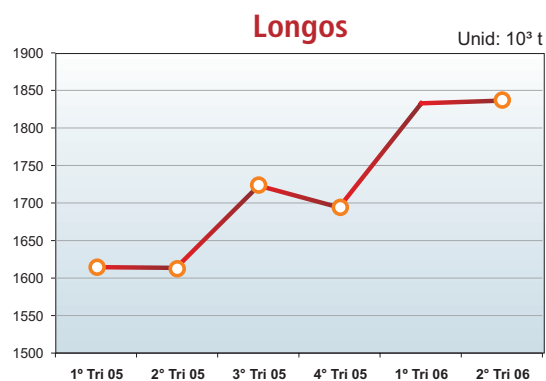
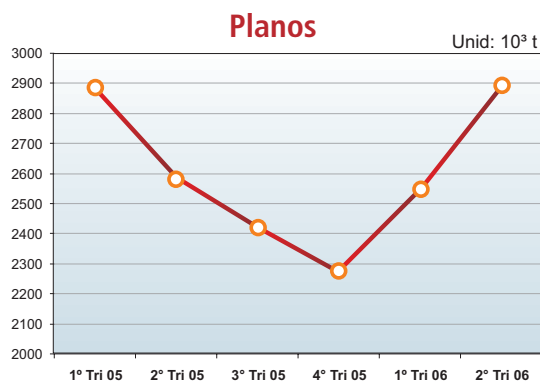
crescimento de 10,2% demonstra a tendência de crescimento na atividade da construção civil, embora concentrada no segmento habitacional. Quanto às vendas internas de laminados planos, a queda de 3,6% não reflete a retomada dos setores de bens de capital e construção civil assim como o bom desempenho do setor automotivo. Isso porque o ano de 2005 começou aquecido para os aços planos e com estoques elevados de aços longos, ou seja, a base de comparação é distorcida.

Siderurgia Brasileira - Síntese Semestral

Unid: 10³ t

Especificação	1º Semestre 2006	1º Semestre 2005	06/05
PRODUÇÃO			
Aço Bruto	14.479	15.927	(9,1)
Laminados	11.158	11.118	0,4
Planos	6.698	6.947	(3,6)
Longos	4.460	4.171	6,9
Semi-Acabados p/ vendas	3.024	3.483	(13,2)
VENDAS INTERNAS (*)			
Laminados	8.573	8.416	1,9
Planos	8.217	8.111	1,3
Longos	5.038	5.227	(3,6)
Semi-Acabados p/ vendas	3.179	2.884	10,2
Semi-Acabados p/ vendas	356	305	16,7
COMÉRCIO EXTERIOR			
Exportações (10 ³ t)	6.249	6.266	(0,3)
(US\$ bilhões)	3,0	3,5	(13,2)
Laminados	3.410	3.018	13,0
Planos	2.180	1.477	47,6
Longos	1.230	1.541	(20,2)
Semi-Acabados	2.839	3.248	(12,6)
Importações (10 ³ t)	942	283	232,9
(US\$ bilhões)	0,7	0,4	88,0
CONSUMO APARENTE (**)			
Planos	9.111	8.697	4,8
Longos	5.442	5.470	(0,5)
Longos	3.669	3.227	13,7

Síntese Trimestral - Consumo Aparente (**)



(*) Exclui as vendas para dentro do parque.

(**) Vendas internas + importações, excluindo as vendas para dentro do parque e importações das empresas siderúrgicas para transformação.